

O Objecto

“É possível encarar a história das formas artísticas como o resultado da tensão permanente entre duas forças: o desejo do real por um lado, e a capacidade dessas formas em satisfazê-lo. O surgimento de novas propostas formais, de correntes inovadoras que avançam com outra maneira de olhar pode perturbar as normas estabelecidas que regem a «realidade» vigente. É um outro real que se impõe com pertinência: a ruína do antigo perante o novo implica uma mutação da percepção que agora vê o que estava ocultado, como se um manto cobrisse a realidade anterior.”
(Gil, 2005, p. 161)

Defendo a necessidade humana da matéria e daí à viagem astral com os santos ou figuras que preenchem a nossa veneração. É, sem dúvida, da nossa natureza elevar defendo a necessidade humana da matéria e daí à viagem astral com os santos ou figuras que preenchem a nossa veneração. É, sem dúvida, da nossa natureza elevarmos essas entidades de cariz religioso pela matéria, assim como esperamos que elas nos elevem ao Pai Supremo pela espiritualidade.

Daí, a importância da arte e a necessidade da beleza. Tão necessária como aquele gesto, aparentemente supérfluo de Maria¹, que o Cristo defendeu contra Judas². A beleza é importante. Sobretudo do ponto de vista pastoral e missionário. Ninguém, num breve vislumbre, toma conhecimento dos nossos dogmas. Dificilmente, num contacto banal, descobriremos a caridade cristã. Mas basta um relance de olhos para que o visitante seja atraído pela beleza da casa de Deus e leve mais longe a sua pesquisa. Como basta um relance de olhos para que ele se retire, indiferente ou decepcionado, sem saber que lhe foram mostradas apenas as rugas da que devia ser sem ruga e sem mancha. Ora aqui vos deixo como uma confiança o momento quando a Ordem de S. Bento³ velou que a beleza, apesar de tudo, não fora de todo banida da casa do Senhor.

A produção simbólica é um caminho potente no amplo campo da antropologia. Por produção simbólica, entende-se a produtividade colectiva de cada sociedade como forma de construção e encaminhamento do seu *modus vivendi*⁴.

¹ Mãe de Jesus Cristo.

² Apóstolo de Jesus Cristo.

³ A Ordem de São Bento ou Ordem Beneditina (Latim: *Ordo Sancti Benedicti*) é uma ordem religiosa monástica católica que se baseia na observância dos preceitos destinados a regular a convivência comunitária.

⁴ É um *modus vivendi*, origem Latina: frase que significa um acordo entre aqueles cujas opiniões divergem, de modo que eles concordam em discordar.

Suzanne Langer⁵ parte do postulado de uma necessidade simbólica presente no homem e afirma que “a função de fazer símbolos é uma das actividades primárias do ser humano, da mesma forma que comer, olhar e mover-se de um lado para outro. É o processo fundamental do pensamento, mas um acto essencial ao pensamento e anterior a ele”. A referida autora trabalha com o duplo imaginário: o do pensamento (interior) e o prático (exterior). E, com isso, percebemos que, diante da simbologia, a arte carrega signos que são exactamente o significado do pensamento elevado pela (e na) sociedade, produto da exteriorização ideológica de um grupo, comunidade, país, etc.

A arte sacra faz um todo com a liturgia na construção do espaço do sagrado. Não tem razão de ser fora deste contexto, não serve para decorar a sala de uma casa, pura e simplesmente!

A arte sacra primitiva difere um pouco da arte sacra actual ou mesmo do final do século XIX. É preciso que se leve em conta as mudanças sociais, políticas, económicas, científicas e culturais que ocorreram deste o início do cristianismo e interferiram na religiosidade da Humanidade.

O ser humano do século XIX e XX não é o mesmo do início do cristianismo. A sua expressão artística, portanto, difere da expressão artística dos primeiros cristãos.

A arte sacra está ligada a imagens de culto, enquanto a arte religiosa está ligada a imagens de devoção. A imagem de devoção nasce da vida interior do indivíduo crente e embora se refira a Deus fá-lo com conteúdo humano. A imagem de culto dirige-se à transcendência, enquanto a imagem de devoção surge da imanência.

Na imagem de culto, Deus manifesta-se e o ser humano emudece, contempla, reza.

Não existe arte puramente sacra ou puramente religiosa, de culto ou de devoção. O sentido da imagem de culto é que Deus se faça presente e esta presença é impossível definir com exactidão. Uma imagem de culto não quer ser Cristo ou representar Cristo, mas quer representar o mistério, a liturgia, o símbolo. Aqui (na arte sacra) está presente o Outro (o mistério) que a imagem indica. A imagem de culto indica que Deus existe, eleva o ser humano do seu âmbito natural para o sobrenatural. Purifica, renova-o.

⁵ A reputação da filósofa Suzanne Langer (1895-1985) deve-se sobretudo às suas obras sobre estética. A sua obra mais influente e amplamente discutida intitula-se *Philosophy in a New Key*, na qual defende uma concepção da arte como expressão simbólica de sentimentos.

A arte sacra é de natureza não sentimental ou psicológica, mas ontológica e cosmológica. A forma, na arte sacra, pode assimilar directamente as verdades transcendentais.

Os Símbolos são específicos da sociedade. São canais para uma mensagem. Eles, intencionalizados, ganham descodificação em cada sociedade, são também sonoros e olfactivos. Fazem parte da sensação e a percepção do som e das artes plásticas.

Toda arte é fruto de uma época e colabora para criar o espírito dessa época. Circulo singular, de modo algum vicioso, que revela a forma elevadíssima de implicação que se dá entre as realidades que tecem a trama da vida do ser humano. Devido a esta correlação, o estudo das vicissitudes da arte não constitui um mero trabalho erudito, mas uma grande tarefa, urgente para todo aquele que se considerar chamado para a acção social mais profunda.

Hoje encontramos-nos, evidentemente, numa época de crise. Para que esta não seja um prelúdio do caos, mas um trauma de nascimento, depende de nós, da orientação que dermos à arte através da solução que oferecermos aos grandes temas que conferem à nossa vida espiritual o seu impulso e o seu sentido mais profundo. A arte sacra nasce da convivência comprometida e leal com a grandeza do divino, não da consciência do nada do terreno. Brota de uma plenitude, não do depauperamento de quem adopta a todo transe credos artísticos arbitrários e violentos.

O importante, conseqüentemente, é estar ao serviço do valioso, mergulhar na riqueza do dogma vivido liturgicamente - de modo sensível e metafísico - e expressar Tudo isso numa atitude de abertura, indo mais ao originário, profundo e comunicável do que ao original, egoísta e fechado.

“Ninguém morre tão pobre que não deixe alguma coisa atrás de si”, Pascal.
(Benjamim, 1992, p. 45)

A partir desta frase, vou procurar desenvolver também na perspectiva técnica e social o papel do objecto porque hoje, quando se trabalha o património, seja móvel ou imóvel, não nos podemos isolar do indivíduo enquanto fazedor de cultura dentro de um ser social que o rodeia e norteia.

Começo por delinear os factores importantes no trabalho do técnico:

1. A necessidade cada vez mais premente sentida na conservação do património muito mais do que essencial deve ser prioritário.

2. Deve ser um artista porque a sua acção é afim da Arte.
3. O trabalho deve ser feito com paixão, tenacidade e orgulho.
4. Falar em custos é essencial.
5. O turismo como uma forma de rendimento material e espiritual.
6. O desenvolvimento de um processo de conservação e de restauro deve ser digno.
7. Exigir a responsabilidade e empenho na expografia.

Assim, como ninguém morre sem objectos, também as recordações são os legados de todos nós, mas nem sempre encontram herdeiros. Daí podermos comparar o museólogo com o romancista que se apodera dessas recordações e romancear esse papel, como Walter Benjamim, fazendo-o com profunda melancolia!

Continuando nesta linha de pensamento, com os paralelismos da acção do museólogo com a do romancista, a intervenção do restaurador com a da caneta, o lugar da conservação com o do papel, encontramos uma forma de desenraizamento transcendental, concedendo ao museu o livre arbítrio de englobar o tempo entre os elementos que a constituem. Segundo Georg Lukács, na *Teoria do Romance*, “o tempo só pode, pois, ser parte constitutiva quando perde a sua ligação com a pátria transcendental (...). Só no romance [museu] (...) o sentido da vida se separa da vida em si, separando assim o essencial do temporal; quase se pode dizer que toda a acção interna do romance [museu] não é senão a luta contra o poder do tempo (...). E daí (...) surgem as vivências verdadeiramente épicas: a esperança e a reminiscência (...). Só no romance [museu] surge reminiscência criadora que atinge o objecto e o transforma (...). A dualidade do mundo interior e exterior só pode ser aqui suprimida para o sujeito, se este compreender a (...) unidade de toda a sua vida (...), abarcando as torrentes da sua vida passada, concentradas na reminiscência (...). O conhecimento que abrange esta unidade torna-se a compreensão divinatória e intuitiva do sentido da vida, inacessível e portanto indizível”. (Benjamim, 1992, p. 45)

O “sentido da vida” constitui, com toda a certeza, o eixo orgânico e vital da vida de um museu.